

Celebração da Eucaristia da Ceia do Senhor 2022

Catedral de Viana do Castelo

Homilia

«Eu recebi do Senhor o que também vos transmiti». Servem-nos estas inspiradoras palavras de S. Paulo para nos introduzirmos profundamente no mistério que nos é dado hoje a contemplar, a adorar e a comunicar.

Na verdade, tal como aconteceu com S. Paulo, também, hoje, nós podemos dizer, em comunidade cristã, discípulos de Jesus de Nazaré, foi do próprio Senhor que nós recebemos esta riquíssima herança.

Somos, deste modo, convidados a entrar na Ceia pascal, onde nos encontramos com Jesus de Nazaré, com os Apóstolos, com a densidade da hora da entrega do Senhor e do gesto com o qual Ele quer continuar vivo no meio de nós, tornando-se alimento de Vida, de Esperança e alento para a missão no mundo de hoje.

Nesta noite em que Jesus é entregue deparamo-nos com a cena na qual S. João nos afirma que chegou a Sua hora e oferece-nos o sentido mais profundo do que irá acontecer quando afirma «Ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim».

Para expressar o infinito amor de Jesus de Nazaré, não se fica em palavras, mas conduz-nos nos gestos que a partir d'Ele querem orientar a vida, os critérios, os valores e os projectos de cada um dos seus discípulos e de cada comunidade cristã.

Desde logo, Jesus, Filho de Deus, ao debruçar-se perante cada um dos seus discípulos, quer revelar como Deus nos olha, não do alto para baixo, mas ao contrário, olha-nos de baixo para cima, tal a dignidade que Jesus nos quer oferecer.

Ao dispor-se a lavar os pés dos seus discípulos, manifesta-nos que só Ele tem poder para limpar toda a iniquidade e de nos purificar de modo

a podermos entrar na Ceia Pascal com as condições necessárias para saborearmos, apreciarmos e difundirmos em missão, toda a riqueza contida no mistério que se esconde nos Sinais próprios deste banquete.

Mas mais ainda, no final, o próprio Jesus de Nazaré, encaminha-nos para o compromisso que advém do Seu gesto quando afirma «compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-Me Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque o sou. Se Eu, que sou Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu fiz, vós façais também».

A Ceia Pascal manifesta-se na revelação de Jesus Cristo mas igualmente no compromisso de serviço humilde, simples e desprendido para todo aquele que se aproxime da Sua celebração.

Tal como em outras circunstâncias, também nesta cena, nos deparamos com a reacção de Pedro que exemplifica a conduta de cada um de nós perante a renovação e conversão sempre exigidas para quem é chamado a configurar-se com o Mestre. Na verdade, este gesto de Jesus de Nazaré altera completamente a nossa visão de Deus e igualmente nos confunde no nosso modo de nos apresentarmos a partir da nossa autosuficiência, tornando-nos agentes do nosso proceder, mesmo como cristãos, e a distanciarmos tanto Deus da nossa vida que não deixamos espaço para Ele tomar a iniciativa de nos purificar e nos convidar para a Ceia Pascal.

Quanta renovação e conversão nos é pedida a nós hoje que somos chamados a viver a Ceia Pascal, em cada domingo e através da celebração da Eucaristia.

Na verdade, há quatro exigências fundamentais que nos coloca a celebração da Ceia Pascal a nós cristãos no tempo em que vivemos.

A primeira diz respeito ao domingo como o primeiro dia da semana, dia do Senhor Ressuscitado. Todos sabemos que as condições de vida da sociedade de hoje se alteraram de tal modo que o tempo já não é tão distinto e valorizado como em tempos antigos. Contudo, também estamos conscientes da desvalorização do domingo pela pouca formação cristã e pela deficiente evangelização.

Se antes o domingo era valorizado e distinto dos outros dias pela própria cultura envolvente, hoje, reclama-se de cada pessoa e de cada comunidade o aprofundamento do significado deste dia, tão importante e tão humanizador.

Relacionada com o domingo está a celebração da Eucaristia. Esta consciência da vivência do domingo através da Eucaristia está muito viva logo nos primeiros cristãos e nas comunidades cristãs das origens.

Ao longo do tempo e sobretudo nos últimos séculos foi-se separando a condição de ser cristão da sua integração numa comunidade e da consciência de participar na Eucaristia. Podemos afirmar que é hoje um dos grandes obstáculos a vencer para uma vivência séria da fé cristã. Não se pode fazer uma verdadeira experiência cristã sem participação consciente e activa na Eucaristia.

Através da Eucaristia, alimentados pelo Corpo de Cristo, os discípulos de Jesus de Nazaré formam um outro Corpo, o Corpo Eclesial, uma autêntica família que estabelece laços de comunhão, de partilha e serviço que se distinguem no meio do mundo pelo testemunho da sua fé alicerçada no amor em Deus e aos irmãos.

Valorizando o domingo através da celebração da Eucaristia e incorporados numa comunidade de partilha, os baptizados reconhecem que à imagem de Jesus Cristo são chamados a servir a pessoa humana e a sociedade. Deste modo, colocam-se no mundo em atitude de missão evangélica em postura de serviço sobretudo aos mais pobres e excluídos.

Refere o Papa Francisco que «chamada a encarnar-se em todas as situações e presente através dos séculos em todo o lugar da terra, (...) a Igreja pode, a partir da sua experiência de graça e pecado, compreender a beleza do convite ao amor universal» (FT, 278).

Deste modo, «o culto sincero e humilde a Deus leva, não à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito pela dignidade e a liberdade dos outros e a um solícito compromisso em prol do bem-estar de todos» (FT, 283).

Estamos convocados pelo Papa Francisco a percorrer os caminhos que nos levam à edificação de comunidades cristãs de rosto sinodal, na

comunhão, na participação e na missão. O convite é dirigido a todos os baptizados para que alimentados na Eucaristia, vivam de tal modo o amor fraterno que a sua comunhão eclesial seja nítida, atraente e contagiante; que o estímulo interior para uma participação activa e consciente na comunidade se expresse na corresponsabilidade na missão evangelizadora da Igreja ao serviço da pessoa e da sociedade.

Tal como aconteceu na Ceia Pascal de Jesus de Nazaré que ofereceu o pleno cumprimento e significado às tradições antigas do Povo da primeira Aliança, também a comunidade cristã, hoje, é chamada a viver de tal modo a Eucaristia, Memorial perene da Ceia Pascal do Senhor, que ofereça, na actualidade, a resposta aos anseios da humanidade, e no apelo à renovação, torne presente, nas condições do mundo e da Igreja dos nossos tempos, os dinamismos contidos na celebração da Eucaristia.

Na verdade, como afirma Bento XVI, «na Última Ceia, Jesus entrega aos seus discípulos o sacramento que actualiza o sacrifício que Ele, em obediência ao Pai, fez de Si mesmo pela salvação de todos nós» (SC, 84). Deste modo, «não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens; assim, a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã» (SC, 84).

De facto, «para desenvolver uma espiritualidade eucarística profunda, capaz de incidir significativamente também no tecido social, é necessário que o povo cristão, ao dar graças por meio da Eucaristia, tenha consciência de o fazer em nome da criação inteira, aspirando assim à santificação do mundo e trabalhando intensamente para tal fim» (SC, 92). Aliás, «a própria Eucaristia projecta uma luz intensa sobre a história humana e todo o universo» (SC, 92).

Imploramos de Nossa Senhora, mulher Eucarística, de S. Bartolomeu dos Mártires, de S. Teotónio e S. Paulo VI que nos obtenham a graça de vivermos profundamente o mistério de Jesus Cristo entregue em alimento na Eucaristia e nos estimule á vivência da comunhão e

partilha em comunidades cristãs de rosto sinodal para a evangelização
do mundo de hoje

Amén

+João Lavrado, Bispo de Viana do Castelo